

A TERRA E O HOMEM

Colecção agrícola dirigida por Henrique de Barros

23

A RAÇA BOVINA TRANSTAGANA
SUB-RAÇA ALENTEJANA

POR

FERNANDO DE SOMMER D'ANDRADE

Engenheiro agrónomo



Livraria Sá da Costa

1952

« *A TERRA E O HOMEM* »

Colecção de livros agrícolas

4.^a Secção — A Exploração e a Criação de Animais — N.º 3

A RAÇA BOVINA TRANSTAGANA

SUB-RAÇA ALENTEJANA

POR

FERNANDO DE SOMMER D'ANDRADE

Engenheiro agrónomo

23

LIVRARIA SÁ DA COSTA

Rua Garrett, 100-102

LISBOA

1952

CAPÍTULO II

A raça bovina transtagana

Definição. Restos fósseis

De Transtagana denominou o falecido professor Paula Nogueira a raça flava que povoa o território português ao sul do Tejo, a qual, seguindo o critério de Cornevin, podemos talvez definir do seguinte modo:

Raça de pelagem vermelha e desenvolvida cornamenta, grande volume de corpo, aberturas naturais almaradas, pontas dos chifres loiras e unhas da mesma cor.

Como atrás dissemos, faz ela parte de um grande grupo de raças bovinas, que na Península se acham difundidas por grande extensão, habitando toda a região seca e subdesértica da Ibéria.

Da influência do meio físico, das condições económicas da exploração rural e da acção dos preceitos zootécnicos, quando aplicados, resulta o aparecimento de particularidades mais ou menos acentuadas, extensivas em comum a maior ou menor número de indivíduos dentro dessas raças, donde a constituição de sub-raças, se essas particularidades mani-

festam certa constância, ou de variedades, quando tal não acontece.

Dentro da espécie bovina, a raça transtagana representa uma forma muito primitiva e disso são prova material os fósseis existentes no Museu dos Serviços Geológicos, pelos quais se pode verificar que esta raça, com umas tantas semelhanças à descoberta e estudada por Pomel no Norte de África, já em época remotíssima se encontrava aqui na Península. São estes os únicos fósseis de bovinos que conhecemos em Portugal, mas julgamos existirem outros em Espanha.

Os poucos exemplares do nosso Museu dos Serviços Geológicos, encontrados a quatro metros de profundidade no concheiro do Cabeço da Arruda, na margem esquerda do Tejo, próximo de Muge, estão classificados no referido Museu como do Paleolítico, o que não parece lá muito verdadeiro. Esses restos, que não remontam, em geral, senão ao Neolítico antigo, compreendem:

a) — Uma parte da caveira de um animal adulto, que constitui a peça mais importante, composta pelo occipital com os cêndilos e as apófises estilóides; pelo frontal com cerca de dois terços da protuberância e uma porção da cavilha óssea do corno esquerdo; por toda a parte posterior e inferior correspondente à cavidade craniana. Falta a parte anterior da caveira, mas não toda, e a porção das fossas temporais acha-se bem conservada, principalmente a do lado esquerdo (*fig. 32*).

b) — Um corno quasi integralmente reconstituído (apenas falto de alguns centímetros na ponta), o qual tem presa na base uma pequena porção do frontal, do parietal e do temporal direito. Deve, pois, ser o corno direito da mesma caveira, embora o bordo de rotura se não ajuste já perfeitamente ao resto; mas a medida, forma e cor apoiam esta suposição.

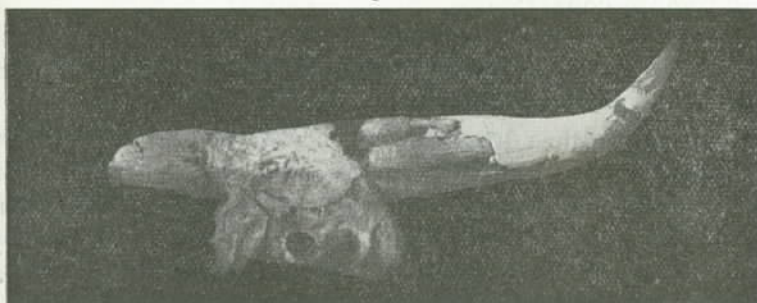


Figura 32

Fragmento de caveira pre-histórica existente no Museu dos Serviços Geológicos (Lisboa), encontrado no concheiro de Cabeça da Arruda (Muge)

c) — Fragmentos de occipitais, alguns dos quais, pertencentes a um animal novo, formam a parte correspondente ao buraco occipital; três pedaços de mandíbulas; alguns pedaços de ossos chatos, estes impossíveis de determinar.

d) — Um certo número de costelas.

e) — Algumas cabeças de fêmur e outros fragmentos de ossos do mesmo nome.

f) — Tíbias e diversas peças de carpos e tarsos.

g) — Vários incisivos (alguns talvez de leite) e molares; um úmero e grande porção de um escápulo; outros ossos regularmente conservados.

A forma do occipital é larga e tendente a plana. A superfície de implantação do ligamento cervical é cordiforme, por isso muito mais larga no alto.

A protuberância frontal é curva e de concavidade posterior e os cornos, de secção elíptica com o diâmetro maior antero-posterior e inclinados de trás para diante, são pedunculados, começando a rugosidade do ponto de origem do estojo a três centímetros e meio do ponto mais deprimido da supra-dita protuberância.

Os cornos, que se dirigem primeiramente para trás e para os lados quase horizontalmente durante cerca de dez centímetros, parece terem certa tendência a abaixarem-se. O resto, feito por mãos pouco hábeis, não mostra mais nada de seguro; provavelmente os cornos continuavam quase horizontalmente ou então baixavam um pouco até próximo da ponta, que deveria elevar-se pelo menos acima da base, porque a forma da frente e da protuberância frontal assim o fazem supor.

Esta caveira, encontrada no limite da área de difusão do gado com que em breve a confrontaremos, apresenta, consoante pode ver-se, grandes semelhanças com a forma fóssil que Pomel descobriu no Norte de África e denominou *Bos opistonomus*. Julgamos que tenham talvez origem comum, de

sorte que, a ser assim, esta última será apenas uma variação da primeira, conforme parecem mostrar as fotografias que juntamos.

Que há analogia entre estas antigas formas e os modernos bovinos alentejanos, demonstra-o o exame das caveiras destes confrontadas com as daquelas.

Que o gado do tipo alentejano se encontrava já aqui numa época muito antiga, não há dúvida; que tenha vindo no estado selvagem do Norte de África para a Península, não é isso impossível, pois o estreito de Gibraltar não existia até tempos relativamente modernos; que viesse do Sul Hispânico para o nosso território depois de estabelecida a comunicação do Mediterrâneo com o Atlântico pela abertura das colunas de Hércules, quando se fechou o estreito bético, também isto não parece totalmente coisa irrealizável, pois o desaparecimento deste outro estreito teria permitido a difusão da forma bovina em causa, se é que tal difusão se não operara já anteriormente.

Fora isto, desde tempos remotíssimos, no princípio do Neolítico, que populações semelhantes às norte-africanas povoaram a Península, incluindo o moderno território de Portugal, e é já agora indubitável que disso cá deixaram restos semelhantes aos do Norte de África, descritos por vários autores.

Os objectos que se encontram são quase exclusivamente armas de ardósia bastante grosseiras, ornadas com linhas diversamente entrecruzadas, geométricas, com desenhos, e um furo para se pendurarem ao pescoço; outros são vasos de terra mal cozida, etc., mas o sistema de sepultura, com inumação simples e múltipla, é comum às populações camíticas e aos mais antigos habitantes da Europa.

Não temos conhecimento de que nalguma destas sepulturas se hajam encontrado restos que dêem qualquer indicação sobre animais eventualmente domésticos.

Se houve imigrações africanas que trouxeram animais para a Península Hispânica, delas não faz a História menção e é evidente que o gado bovino já cá existia muito antes das invasões muçulmanas, as quais, mesmo que tivessem trazido o gado desta espécie, e não é muito provável que fosse em quantidade, não podia ele modificar todo o da Península a ponto de não deixar rasto das formas anteriores, pois isso nem mesmo aconteceu com os equinos, há muito já então célebres, e só conservam vestígios de importação africana na Andaluzia, especialmente nas zonas mais meridionais, na provincia de Cádiz em particular.

Caracteres somáticos

Enquanto sobre a parte cefálica do esqueleto nada achámos acerca desta raça nas obras dos autores que dela hão tratado, alguns destes descrevem-na mais ou menos particularizadamente *in vivo*.

Sob este aspecto cabe a primazia ao professor Silvestre Bernardo Lima, que em 1871 dela se occupou numa publicação da época e em 1873, nas «Considerações geraes e analyticas ácerca de Recenseamento Pecuario de 1870», assim reproduziu, quase sem alteração, o que precedentemente dissera:

«*Corpurationa* meã ou pouco mais d'isto, variando a estatura de 1,^m21 a 1,^m27 nas vaccas, e 1,^m29 a 1,^m45 nos bois, e o comprimento do corpo entre 1,^m51 a 1,^m53 nas vaccas, e 1,^m48 a 1,^m65 nos bois; as menores medidas para a raça pequena, as maiores para a raça grande, notando-se pelo geral que a raça pequena, relativamente à sua altura, é mais comprida ou varúda de corpo do que a grande, e em cada uma d'ellas, as vaccas mais varúdas que os bois. *Cabeça* comprida (0^m,53 a 0^m,63), um pouco estreita da fronte (salvo algumas cabeças atouradas que são mais grossas e largas), e quasi direita e plana do alto á ponta do focinho; nuca direita um tanto

convexa e de pouca marrafa; olhos pouco a florados, de olhaes ligeiramente esbranquiçados, palpebras almaradas e pestanas louras; focinho grosso e almarado; chifres grandes de 0^m,50 a 0^m,70, de armação horisontal muito aberta na raça grande, mais fechada na raça pequena, nascendo dos lados do alto da cabeça distanciados entre si cousa de 0^m,19 a 0^m,26, inclinando-se na sua origem um pouco para baixo e para trás, levantando-se e projectando-se depois para os lados, virando para diante no meio do seu comprimento, revirando a ponta para fóra, tendo cada um duas largas voltas de espira (nas rezes de maior corna), e a primeira a 1/3 do comprimento a partir da base, a segunda na origem do ultimo terço; são grossos, pardacentos, e pretos ou fuscos na ponta. *Pescoço* regular um pouco gargantudo de barbella, esta bastante pendente ante e entre o peitoral. *Costado* extenso de alto a baixo, um tanto chato ou pouco arqueado em cima, medindo ainda assim o seu perimetro nas vaccas 1,^m67 a 1,^m75, e nos bois 1,^m75 a 2 metros. A linha do *espinhaço* um tanto inclinada de trás para diante, e saliente na pombinha e cernelha, esta tambem saliente e larga bastante, prestando bom assento ás carnes de assem. *Espaduas* largas e bastante carnudas. *Lombos* um tanto compridos, mas de pouca largura. *Quadriz* e toda a região alca-treira fraca ou medianamente desenvolvida. *Coxas* ou pernões, embora um pouco grossos e redondos das chãs, muito achamboados em baixo. *Ventre* volumoso. *Membros* pernaltos detrás e grossos de osso. Pele grossa e a côr da pellagem tirante do flavo do trigo ao flavo acerejado que é o mais commum.

A raça alemtejana é uma d'aquellas em que o quarto dianteiro se avanta, ou é relativamente mais desenvolvido que o trazeiro.»

Muito posteriormente, em 1900, o professor Paula Nogueira retrata-a do seguinte modo:

«Tête longue; front convexe, de largeur moyenne; arca-

des orbitaires peu saillantes; yeux généralement entourés d'un cercle couleur chair; chanfrein droit ou légèrement convexe; muflle à pourtour rose; chignon convexe peu garni de poils; grosses cornes portées d'abord légèrement en arrière sur un plan horizontal ou un peu incliné, puis de côté sur le même plan, jusqu'à la moitié de leur longueur, l'autre moitié se dirigeant insensiblement en avant et en haut, les pointes tournées en dehors; encolure longue avec fanon développé à la gorge et beaucoup plus au poitrail; épaules larges et charnues; garrot un peu élevé; ligne dorso-lombaire montant légèrement du garrot à la base de la queue, qui est attachée bas; côtes longues et plates; ventre volumineux; membres gros; le train postérieur plus élevé que l'antérieur; hauteur du corps variant de 1^m,15 à 1^m,45; longueur de 1^m,30 à 1^m,65; manteau froment clair ou foncé.

La race *transtagana* habite la vaste région qui s'étend de la rive gauche du Tage au littoral de l'Algarve, comprenant cette dernière province, l'Alemtejo et une partie de la province de l'Estrémadure.»

Meia dúzia de anos passados, o professor Miranda do Vale descreve do seguinte modo este mesmo grupo bovino: «Corpulencia media. Esqueleto forte, mediocrementemente vestido de massas musculares. O pellame é flavo, variando desde o tom aberto ou deslavado até ao cereja, sendo almarado nos olhos e focinho. Pelle grossa e de pello aspero. Cabeça comprida e estreita. Protuberancia frontal proeminente, de vertices approximados da linha media. Marrafa pouco encabellada. Cornos muito desenvolvidos, sahem um pouco acabados e inclinados para traz, curvam-se depois para cima e para os lados, revirando as pontas para fora. A coloração e clara em todo o comprimento, excepto nas pontas que é castanha e a secção é elliptica. Fronte mediana, convexa e de bossas frontaes muito salientes. A junção da fronte com

o chanfro é ligeiramente amartellada. Chanfro comprido, com tendencias para convexo. Nasaes reunidos em aboboda circular e ligeiramente deprimidos na sua junção com os grandes e pequenos supra-maxillares. Arcadas orbitarias pouco salientes. Olhos nem encovados nem aflorados. Orelhas de alta inserção. Faces compridas e triangulares. Focinho regular. Fauce estreita e bem embarbellada. Pescoço de regular comprimento, grosso e bem embarbellado. Peito largo e bem embarbellado. Cernelha proeminente e larga. Linha dorso-lombar ensellada. Lombos compridos e estreitos. Garupa alta, pouco desenvolvida e vestida por musculos de pequeno desenvolvimento. Ancas reduzidas. Cauda comprida, grossa e de alta inserção. Costado comprido, alto e de costellas pouco arqueadas. Ventre largo. Mammass pouco volumosas. Signaes leiteiros de má qualidade. Espaduas fortes e bem musculadas. Nadegas rectilineas e pouco desenvolvidas. A parte livre dos membros é comprida e grossa, terminando por unhas rijas. Os animaes d'esta raça são, em regra, bastante ariscos.»

«O regimen em que estes animaes são produzidos varia conforme a região. No Alemtejo, em que domina a grande propriedade, os touros, vacas e novillos até tres annos são mantidos em regimen exclusivamente manadio, que alguns creadores, mais ricos ou mais illustrados, entrecortam com curta permanencia e ligeiro penso em *arribanas* ou *ramadas*. Estes animaes, durante o inverno, soffrem longas abstinencias, definhando em exgottadas pastagens, mas, assim que a primavera traz alguma herva aos campos, refazem-se rapidamente e até engordam em poucos dias. O gado de trabalho é sujeito a um regimen mixto. Os bezerros são apartados das mães dos oito aos doze meses. Alguns creadores abonam aos touros, durante a cobrição, uma ração de cevada e aveia».

«A ceva é, em regra, mal conduzida, porque é feita nas

o chanfro é ligeiramente amartellada. Chanfro comprido, com tendencias para convexo. Nasaes reunidos em aboboda circular e ligeiramente deprimidos na sua junção com os grandes e pequenos supra-maxillares. Arcadas orbitarias pouco salientes. Olhos nem encovados nem aflorados. Orelhas de alta inserção. Faces compridas e triangulares. Focinho regular. Fauce estreita e bem embarbellada. Pescoço de regular comprimento, grosso e bem embarbellado. Peito largo e bem embarbellado. Cernelha proeminente e larga. Linha dorso-lombar ensellada. Lombos compridos e estreitos. Garupa alta, pouco desenvolvida e vestida por musculos de pequeno desenvolvimento. Ancas reduzidas. Cauda comprida, grossa e de alta inserção. Costado comprido, alto e de costellas pouco arqueadas. Ventre largo. Mammass pouco volumosas. Signaes leiteiros de má qualidade. Espaduas fortes e bem musculadas. Nadegas rectilineas e pouco desenvolvidas. A parte livre dos membros é comprida e grossa, terminando por unhas rijas. Os animaes d'esta raça são, em regra, bastante ariscos.»

«O regimen em que estes animaes são produzidos varia conforme a região. No Alemtejo, em que domina a grande propriedade, os touros, vacas e novillos até tres annos são mantidos em regimen exclusivamente manadio, que alguns creadores, mais ricos ou mais illustrados, entrecortam com curta permanencia e ligeiro penso em *arribanas* ou *ramadas*. Estes animaes, durante o inverno, soffrem longas abstinencias, definhando em exgottadas pastagens, mas, assim que a primavera traz alguma herva aos campos, refazem-se rapidamente e até engordam em poucos dias. O gado de trabalho é sujeito a um regimen mixto. Os bezerros são apartados das mães dos oito aos doze meses. Alguns creadores abonam aos touros, durante a cobrição, uma ração de cevada e aveia».

«A ceva é, em regra, mal conduzida, porque é feita nas

pastagens e com indivíduos de nove ou dez annos, empregando-os até esta idade nos trabalhos agricolas da região».

«No Algarve, onde a propriedade rural está bastante fraccionada, o armentio bovino está mais na arribana do que no pasto. N'esta região é frequente administrar peixe secco aos bovinos. Este alimento terá exercido, sobre os cornos, a acção atrophiante attribuida por Cornevin á ichtyophagia?»

Efectivos recenseados

Limitando-nos exclusivamente ao gado vacum transtagano, na fé dos números apurados no recenseamento de 1940, os componentes deste grupo étnico orçavam nessa data por uns 107.980 individuos, representando 12,95% de todo o efectivo bovino do País e assim distribuídos:

Distrito de Portalegre	22.842	
» » Évora.	20.417	
» » Beja	17.234	
» » Setúbal	18.291	
» » Faro	21.745	
» » Santarém	4.488	
» » Lisboa.	2.513	
» » Castelo Branco	150	
	<u>107.680</u>	

Dispostos estes números de outra maneira, para mostrar a distribuição regional do efectivo vacum transtagano, eis como este se arruma dentro da área do seu solar:

Província do Alto Alentejo:

Distrito de Portalegre	22.842	
» » Évora	<u>20.417</u>	43.259

Província do Baixo Alentejo:

Distrito de Beja.	17.234	
» » Setúbal.	<u>18.291</u>	35.525

Província do Algarve (distrito de Faro) 21.745

Fora das duas províncias alentejanas e do Algarve, mas dentro da área de dispersão do gado bovino transtagano, destaca-se ainda o Ribatejo, onde no distrito de Santarém este grupo tem expressiva representação, principalmente nos concelhos da margem esquerda do Tejo, com preponderância da sub-raça mertolenga.

Sub-raças

Conforme já dissemos, a raça bovina transtagana habita o território português entre a margem esquerda do Tejo e o litoral do Algarve, vasta região que compreende esta província meridional, todo o Alentejo (distritos de Beja, Évora e Portalegre) e a parte alentejana do distrito de Setúbal (concelhos de Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines).

País relativamente tão extenso de norte a sul; de terrenos tão diversos quanto à origem, natureza e constituição agrológica, portanto de fertilidade muito diferente; confinando a ocidente e ao sul com o mar, lindando pelo nascente com o sertão da Península e defrontando na parte setentrional o vale do Tejo, que o contorna de nordeste para sudoeste; embora com pequenos acidentes orográficos, estes pelo geral sem grande vulto e algo dispersos na zona interior, mas um tanto mais acentuados a nordeste (serra de S. Mamede); dividido em dois compartimentos entre si bem distintos pelas serras do Algarve, que na parte meridional o atravessam de leste para oeste; entestando por longa fronteira a norte e noroeste com a zona habitada por outros grupos bovinos etnicamente diferentes do que habita esse território para o sul; olhando a que ao longo dessa fronteira não são poucas as interpenetrações das populações bovinas dum e doutro lado dela, natural é que por efeito de todas estas tão variadas circunstâncias, entre si mui diversamente conjugadas, e

ainda possivelmente outras sem o mesmo destaque ou influência, natural é que, dizíamos, dentro da raça bovina transtagana se hajam constituído certos agrupamentos secundários, os quais, mantendo muito embora os caracteres da raça, exibam não obstante certas particularidades, umas tanto ou quanto fixadas e outras não, assim a fraccionando em sub-raças e variedades.

De facto, consideradas desde 1900 pelo professor Paula Nogueira, dentro da raça bovina transtagana admitem-se três sub-raças, que o professor Miranda do Vale distingue assim :

RAÇA TRANSTAGANA	}	cabeça muito comprida, antemão mais desenvolvida que a post- -mão	<i>sub-raça alentejana</i>
		cabeça mais curta, pelagem aver- melhada	<i>sub-raça mertolenga</i>
		cabeça ainda mais curta, quartos anteriores e posteriores propor- -cionados	<i>sub-raça algarvia</i>

Sub-raça alentejana — A mais importante pelo número dos seus representantes e pela área por estes ocupada, constitui objecto especial deste trabalho e dela nos ocupamos em particular mais adiante, pelo que a seu respeito agora aqui nos abstemos de quaisquer palavras, limitando-nos a mencioná-la.

Sub-raça mertolenga — Caracteriza-se principalmente pela estatura média; cabeça mais curta e cornamenta de menor envergadura; tronco mais roliço; membros mais finos, de melhores aprumos e com os pés mais pequenos; pelagem mais carregada, vermelha ou acaju, mas sem serem raros os indivíduos com bragadelas, outros com malhas (*berrendo*, dizem em Espanha) e ainda outros com o pêlo salmilhado (*salinero*, chamam também os nossos vizinhos), particularidades

que lembram muito certas pinturas pré-históricas de bovinos do Norte de África (*figs. 33 e 34*).

Os animais desta sub-raça, ligeiros e rápidos no andar, por isso muito procurados para cabrestos, são bastante dóceis e rústicos e muito bons para trabalho, mas sem com isto negar que uma ou outra vez não apareçam indivíduos bastante ariscos.

Consoante dissemos, o *habitat* da sub-raça mertolenga é a zona do Guadiana (de Mértola até ao mar), compreendendo a porção meridional deste concelho do distrito de Beja e no Algarve os concelhos de Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António, mas fora deste território transtagano o gado mertolengo mostra, de há anos a esta parte, certa tendência para invadir o Ribatejo, onde ocupa o lugar que a raça brava aí vai deixando; e numerosos são já os representantes desta sub-raça na região ribatejana, principalmente nos concelhos de Vila Franca de Xira, Azambuja, Benavente, Salvaterra de Magos, Coruche e Chamusca.

Além da sua área de dispersão em Portugal, há quem pretenda que esta sub-raça, transpondo a fronteira, haja penetrado também na província espanhola de Huelva, se é que talvez o gado mertolengo não será antes em Portugal o representante do gado bovino dessa região meridional da Espanha, conforme faz crer o que Bernardo Lima sobre isto escreveu, e nós não estamos muito fora de aceitar.

Sub-raça algarvia — O gado bovino da sub-raça algarvia, conquanto bastante análogo ao dos precedentes núcleos trans-taganos, oferece todavia certas particularidades que levaram o professor Bernardo Lima a considerá-lo uma raça autónoma. É que, em grande parte do Algarve, principalmente na zona litoral, a mais fértil e rica, predomina a pequena propriedade e o gado *vacum* é mantido em estabulação, de sorte que a acção conjunta do meio, um tanto diferente do alentejano, e do regime higiotecnico, mais racional, produziu certas



Figura 33

Toiro e vacas da sub-raça mertolenga

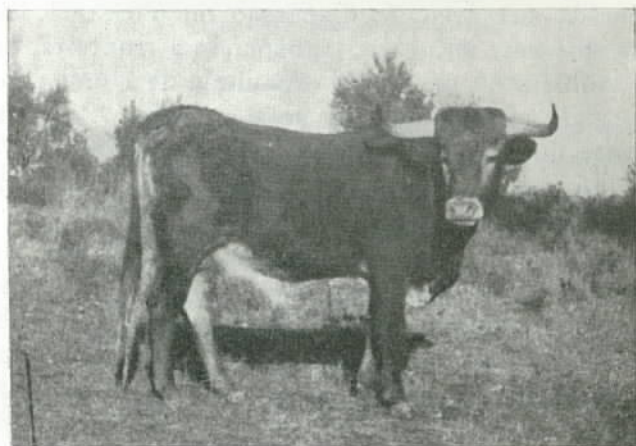


Figura 34

Novilho da sub-raça mertolenga

variações na morfologia geral, sem contudo alterar o substracto étnico.

Com efeito, considerado grosso modo quanto à estrutura, a costa algarvia, do concelho de Lagos para o nascente, é constituída por uma orla de terrenos modernos, encostados a um cordão de formações terciárias, pliocénicas e miocénicas. Tal a parte dessa província chamada o *Litoral*, com largura variável de cinco a quinze quilómetros.

Sobreposta em latitude a estas formações, está uma faixa de terrenos secundários, representados por uma mancha e pequenos retalhos do cretácico, um extenso tracto do jurásico e um cordão do triásico com cerca de três quilómetros de largura, o qual, por Bensafrim, Silves, S. Bartolomeu de Messines, Alte, Bensafrim, Salir, Querença, S. Brás de Alportel e Santa Catarina, atravessa toda a província desde o cabo de S. Vicente até Castro Marim, próximo do Guadiana. Esta zona mesozóica corresponde praticamente ao que lá chamam o *Barrocal*.

Por fim, daquela formação triásica para o norte, está a *Serra*, outra zona, mas esta constituída pelo grande manto paleozóico do carbonífero inferior do Alentejo, onde na parte algarvia emerge o afloramento eruptivo de Monchique, constituído por foiaito, «espécie de sienite anfibólica eleolítica, que dá uma terra análoga à granítica, mas mais rica em potassa e cal» (prof. Almeida Figueiredo).

Como é fácil de presumir, tão grande variedade de formações geológicas num território de superfície relativamente tão minguada origina terras de mui variada aptidão cultural, sobretudo nos sítios onde se depositam e misturam os detritos destas tão diversas rochas, os quais constituem na verdade óptimos solos agrícolas, de grande fertilidade e alta produção.

Além destas particularidades, que tanto concorrem para distinguir o Alentejo do Algarve, cabe ainda apontar outras relativas ao clima.